

ENTREVISTA

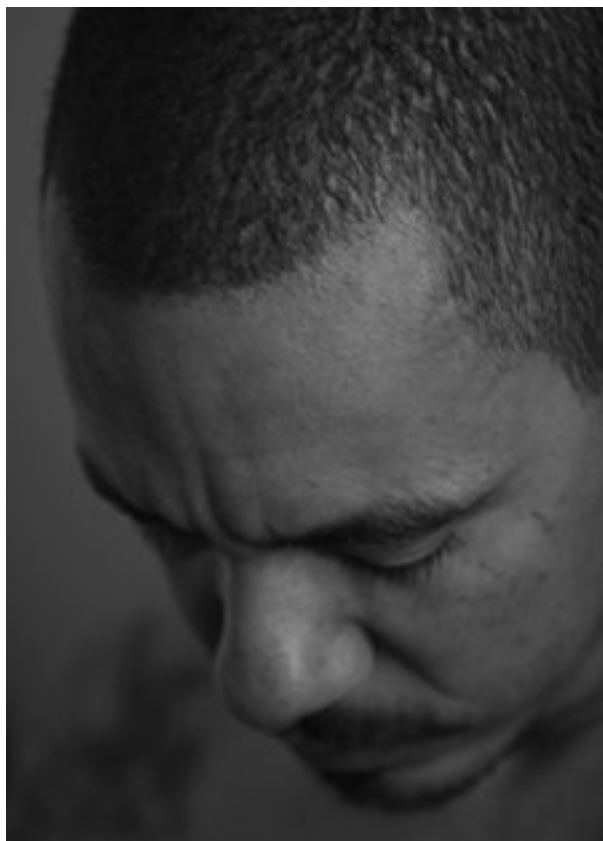


Foto: Lu Vilella

Alexandre Garnizé e sua luta contra as almas sebosas no cinema e na vida real

Nome: José Alexandre dos Santos de Oliveira

Idade: 37 anos

Nasc.: 04/12/1971

Natural de Camaragibe, cidade da área metropolitana de Recife.

Filho mais velho de cinco irmãos

Músico Percussionista, Educador, Historiador, Pesquisador...

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Quais são seus ídolos?*

GARNIZÉ: Meus grandes ídolos, hoje estão pregados nas paredes, ou estão na minha cabeça e no meu coração. Eu tenho alguns ídolos tatuados em minhas costas, como: Malcolm X, Che Guevara, Martin Luther King, mas poderia ser Zumbi, Aqualtune, Acotirene, Ganga Zumba, Antônio Conselheiro, mas eu prefiro preservá-los em minha memória e falar um pouco sobre eles

para as pessoas. Infelizmente, os jovens que moram nas grandes comunidades brasileiras, não tem como ídolos os mesmos ídolos que eu ou você, mas sim o dono da "boca", o gerente da "boca", é o fulaninho que hoje está com fuzil e saiu no jornal, deixou de ser o Homem Aranha, o Batman, o Superman, etc, para dar lugar ao "dono" da favela e isso para mim é constrangedor, eu fico muito triste com isso.

Envolvei-me muito cedo também com política. Eu tenho a política como um processo de transformação, seja ela partidária ou não, me envolvi muito cedo com o movimento negro também, fui do Fórum Identidade Negra de Pernambuco, fui diretor musical do Africamarás, que é uma instituição que trabalhava questão racial dentro do município. Na época que eu era o presidente do grêmio da minha escola, eu sempre li muito Marx, Engels, Bakunin, Malatesta, sempre pessoas brancas, até então eu não tinha descoberto meus grandes ídolos negros. Quando você estuda numa escola de freiras, vão sempre dizer pra tu, que a "princesinha" era uma mulher boa, que



Foto: Lu Vilella

Tiradentes era um cara legal, Tiradentes um cara branco, e cicrano e beltrano... Pô! Será que eu não tenho ninguém negro, que correu atrás, que lutou?...

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Quando despertou em você a sua consciência negra, essa vontade de buscar estes seus grandes ídolos negros?*

GARNIZÉ: Foi um dia em que minha mãe foi discriminada num mercado por ser negra. Minha família por parte de mãe é toda negra, negra, negra, negona, meu avô era negão do olho azul, já a parte do meu já é mais branca, meu bisavô era de descendência árabe.



Foto: Lu Vilella

Quando despertou isso em mim, eu fiquei em fúria e ao mesmo tempo feliz, por descobrir que eu tinha pessoas que estavam do meu lado, que eu tinha ídolos, que eu tinha heróis, que eu tinha mártires, como: João Cândido, Zumbi e tantos outros... “Que é isso! Eu não sabia que estes caras existiam!” (lembrando) e quando você descobre isso, que Zumbi criou a primeira sociedade livre igualitária do mundo! Que estavam lá índios, brancos, negros, mulheres, crianças, porra cara! Que é isso cara? E ali do ladinho da minha cidade, pertencia a Pernambuco na época, o Quilombo (dos Palmares), era em grande parte de Pernambuco. Na época das capitânias hereditárias, tinha uma faixa de terra que passava por Maceió e a faixa de terra que pertencia ao donatário Duarte Coelho, pertencia a Pernambuco, e a minha cidade, que era o Quilombo da Cacutá, um quilombo importante, onde viveu Malunguinho, que todo mundo fala hoje na Umbanda, “O Rei Malunguinho” era um cara que viveu na minha cidade.

Quando eu comecei a descobrir isso, foi felicidade, porque eu comecei a buscar literatura, até então pouquíssimas existiam, há vinte e poucos anos atrás, eu despertei isso com 12 ou 13 anos de idade, pouquíssima literatura existia. Graças a Olorum, hoje tem muita coisa, livros falando da história do negro no Brasil e como a gente chegou aqui forçado.



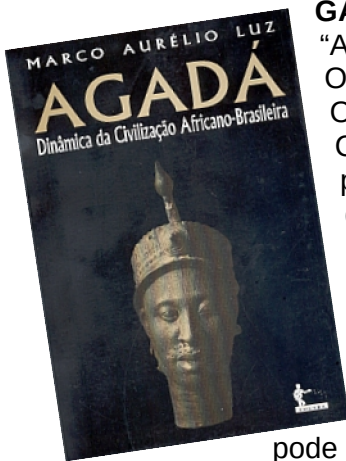
Etnias

Eu sempre falo nas minhas palestras, que a única coisa boa que o branco fez para o Brasil foi trazer as várias etnias, foi a única coisa boa, senão hoje a gente não estava nessa balbúrdia aí, hoje a gente vai para Pernambuco e tem lá uma etnia completamente diferente da que viveu em Salvador, completamente diferente da que viveu no Rio, completamente diferente da que viveu lá no Maranhão, então a gente teve os Ebás e Ibôs, lá em Pernambuco, aqui a gente teve os povos de Ketu, Ioruba, mais para cima a gente teve os Jeje e o Jeje Marri, isso pra mim foi a grande balbúrdia da parada que os brancos, fizeram. Eu não sou racista, mas foi a única coisa boa que os caras fizeram, todo mundo acha que vieram para cá os grandes e poderosos, não vieram! Quando os brancos chegaram aqui, vieram os traficantes, matadores, estupradores, ladrões, prostitutas foram esses que vieram para cá. A coroa portuguesa só trouxe quem não prestava

para cá, e quando resolveu trazer os negros, trouxeram os reis, rainhas e seus súditos, vieram cortejos inteiros! E hoje a gente vive isso aí, o legal disso tudo são as diferenças, nós somos diferentes, mas somos iguais, iguais nos direitos e nos deveres. Eu acho maravilhoso essa

dicotomia de sotaques, o que difere a gente é só sotaque, a gente é muito igual e quando você começa a descobrir isso é felicidade e está sendo até hoje, porque eu sempre busco literatura, tô sempre buscando grandes escritores.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Quais são seus livros e escritores favoritos?*



GARNIZÉ: Tenho um livro de cabeceira que não largo, um livro chamado “Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira”, do Marco Aurélio de Oliveira Luz, eu indico para todo mundo. Tem outro que é “Águas de Oxalá” de José Beniste, “Orun Ayê” também, que é maravilhoso. Lepê Correia, que escreve poesias maravilhosas, um grande poeta negro pernambucano; Solano Trindade, muita gente, muita gente importante que nós temos. Nós somos um povo sem memória e um povo sem memória é um povo sem história, a gente tem que começar a valorizar o nosso panteão negro de escritores, músicos, de mulheres guerreiras que se parecem tanto com a Acotirene, Aqualtune e Rainha Nzinga.

Onde eu vou eu estou com um livro, vivo catando livros, eu não deixo de ler, eu sou um leitor nato, é chato ficar falando isso, porque pode parecer pedância minha, mas onde eu vou, eu estou com um livro, se eu viajo eu levo um livro. Tá na hora de a gente começar a traficar informação, porque ao invés de traficar drogas os caras não traficam livros, vamos propor um dia traficar livros, vamos trocar, fazer esse escambo, você me dá um livro seu e eu te dou um livro meu, não fizeram troca de armas? Você dava uma arma e ganhava uma grana. Vamos entupir as comunidades com livros, encher as comunidades de bibliotecas e abrir espaço para juventude negra, pro pobre que mora na periferia ler, porque a gente não lê? Não lê porque o livro é caro no Brasil, é muito caro, eu lembro que com 10 dólares em cuba, eu comprei uns 20 livros, te juro! Lá você compra um livro a centavos, por isso sou fã de sebos de CDs e de livros, e também de brechós.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Sobre diversidade cultural.*

GARNIZÉ: A gente tem 4 estados brasileiros que são top de linha na questão racial, na questão histórica, musical, religiosa, que são: Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão. E vou mais fundo, eu acho Pernambuco o berço da cultura nacional, sem querer ser bairrista. A gente valoriza demais a nossa cultura, eu defendo meu estado com unhas e dentes, hoje você vai a qualquer lugar, você vê um monte de gente tocando maracatu, eu fui para o interior de São Paulo, São Bernardo do Campo, tá lá o cara tocando maracatu, fui não sei pra onde, cafundó dos Judas, tá lá um cara tocando maracatu, assim como o samba, mas o Samba tem uns 100 anos, o Maracatu tem 200 anos, é um ritmo que tá aí há 200 anos, vibrante, coroação de reis e rainhas do Congo.



REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Quem foram os teus grandes mestres?*

GARNIZÉ: Eu sempre fui cara que gostei de estar no meio das pessoas maiores que eu, porque era ali que ia obter conhecimento, e era isso na minha comunidade eu sempre estava ali no meio dos caras mais velhos, dos senhores mais velhos, catando conhecimento, aprendendo uma coisinha, aprendendo outra...

Tudo que eu sei hoje, acerca de música, tem umas figuras que me ajudaram pra caramba. Eu gosto muito do Aureliano, um puta luthier, lá de Pernambuco, que é um cara que contribuiu muito para a minha música, para a minha formação também e me deu vários toques. Tem um outro cara, que é o Paulo Burra Preta, que também era da banda marcial. Eu comecei tocando em banda marcial. Na minha família, ninguém é ligado à música, tanto é que quando eu comecei a tocar, todo mundo me chamava de louco. Eu o dia inteiro tocando, o dia inteiro! Fazia bateria de caixas de papelão, nas panelas da minha mãe, eu pintava o sete, botava o terror em casa tocando. Para mim foi bom, porque eu aprendi muita coisa. A rua é uma grande escola, a tua comunidade, o que está ali, é a tua grande escola, aprendi com os caras mais velhos, não me ensinavam, mas eu ficava ali catando.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Podemos perceber que o seu universo musical e religioso se unem e se completam. Quando isto teve início?*

GARNIZÉ: Desde “porretezinho”, desde pequenininho sempre fui envolvido com música, sempre gostei de música. Meu primeiro contato com música foi aos 7 anos de idade. Na minha comunidade tinha um Candomblé, e sabe que o candomblé sempre foi mal visto pelas pessoas, por não terem um conhecimento aprofundado do que é a religião. Eu sempre tive muita vontade de conhecer. Já “porretezinho”, 7 anos de idade, eu tinha uma vizinha que frequentava o candomblé, até que um dia eu fui atrás dela à noite, ela saiu com a roupa de santo embaixo do braço, eu fui atrás e cheguei lá vi aquela “balburdia”, aquelas pessoas em transe e pá, música e canto e não sei quê... Eu fiquei meio que embabacado com aquilo e ao mesmo tempo, feliz de estar ali, porque acho que era um pedaço de mim que tava faltando e eu lembro que quando eu dei uma parada eu peguei um *ilu*, que é um instrumento do Candomblé da nação *Ebá* de Pernambuco, eu comecei a tocar, lembro que tinha um senhor, um *ogan* velho. Ele olhou para minha cara e disse assim: “Esse menino vai ser um *ogan* de mão cheia!”.



Foto: Lu Vilella

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Este menino ogan estudou em um colégio de freira. Como foi esta experiência?*

GARNIZÉ: E pô sempre tive uma vida sofrida pra caramba, de família pobre, pobre de marré. Nunca tive riqueza, a riqueza que eu tive, foram os meus conhecimentos que eu obtive na rua. Aí, estudei toda a minha infância e começo da adolescência num colégio de freiras e quebrei com um monte de estigma dentro desse colégio porque, eu furei a orelha muito cedo... fiz tatuagem muito cedo... furei a orelha com 10 anos de idade, fiz tatuagem com 11, escondido da minha mãe e do meu pai. Eu sempre quis ser uma pessoa diferente da comunidade, diferente, todo mundo é diferente, mas eu queria ser mais diferente, sabe? Porque, porra bicho, eu era... era aquela coisa, o proibido pra mim era gostoso e ainda é, ainda é gostoso, e eu sempre quebrei com essa estatística de família pobre, então, quando eu furei a orelha eu era o gay da rua, né cara? E aí minha família começou... Pô! furou a orelha! Quando eu fiz a tatuagem eu era o maconheiro, o ladrão, o traficante... não sei quê...

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Sobre intolerância religiosa...*



Foto: Rodrigo Gorosito

GARNIZÉ: Eu sou candomblecista assumido, vou ao candomblé desde que eu me entendo como gente. Eu o tenho como minha religião, defendo com unhas e dentes. Não gosto muito de discutir religião, mas defendo com unhas e dentes, me agarro a ela às vezes, aos meus orixás, aos meus guias espirituais e isso pra mim é maravilhoso.

Ainda existe a igreja católica que mete o pau, que fala pra caramba, assim como metem o pau na igreja católica. Eu lembro que eu tava fazendo um programa de um figura de uma grande emissora e eu resolvi usar o púlpito: “Eu queria protestar aqui contra as grandes empresas televisivas que passam o dia inteiro, a noite inteira, falando mal das casas de matrizes africanas. Mais respeito com as casas de matrizes africanas, porque nós somos história!”. Tem pastor que quebrou santa na televisão! Eu tenho um grande medo, é uma lavagem cerebral. Eu sempre falo que candomblé é uma religião de poucos adeptos e muitos clientes. Todo mundo quando tá preocupado, no sufoco, corre para o candomblé.

A minha religião é uma religião que lida com os poderes da natureza. Tem coisa mais bonita que essa? O poder da água, do vento, do ar, das folhas, isso é lindo! Isso é muito lindo! Ainda tem a igreja

católica pra meter o pau, pra dizer que o satanás está lá, assim como os neopentecostais, evangélicos e os protestantes, o que é isso?! A minha religião é muito linda! Eu gostaria de estar um dia cara-a-cara com o papa que foi soldado de Hitler, e perguntar: “Porque vocês numa procissão podem usar velas na rua e eu na minha religião não posso acender uma vela no meio da rua? Porque as igrejas evangélicas podem fazer cultos na rua e eu na minha religião não posso cantar e louvar a Olorum e a todos os orixás? Eu queria saber, é porque a gente não tem dogmas, é só por isso?

Muita gente fala que na minha religião usa-se sangue. Sangue na minha religião significa vida e muita vida. Aí você pega a bíblia e vê: o que Abraão ia fazer com o filho dele para provar que adorava e amava ao Senhor? Abraão ia sacrificar o filho dele para provar a Deus que ele era fiel, então porque eu não posso sacrificar uma cabra, um bode, por quê?

Deus é uma palavra comum, eu creio num ser cósmico, uma força cósmica que me rege, o nome dele na minha religião é Olorum, entre católicos ou protestantes, pode ser: Deus, Javé, Jeová, Emanuel, mas na minha é Olorum. É complicado, mas a gente vai vencendo. Existem leis hoje que estão sendo colocadas em prática, mas precisamos mais.

Trabalhar em comunidade é muito complicado, as igrejas neopentecostais invadiram as comunidades e fizeram uma lavagem cerebral na galera.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Dentro deste contexto de transgressão como era a relação com a família?*

GARNIZÉ: Meu pai brigava comigo todo dia, era o maior furdúncio. Meu pai era uma das pessoas que me tinha como um cara que “Não quer nada com a vida!”, mas eu sempre fui bom estudante, terminei meus estudos cedo, fiz faculdade, fui estudar fora, fui ganhar a vida lá fora também, fui para fora do país. Meu pai hoje... se tiver doido fale mal de mim na frente dele, e eu agradeço, meu pai é um bronco pra caramba, meu é alcoólatra, e eu saí de casa muito cedo com 17 anos de idade.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Você falou que chegou a faculdade, o que você cursou?*

GARNIZÉ: Eu cursei História, sou historiador, sou musicólogo por natureza, sou um pesquisador de música, e é difícil, tem a história das cotas aí agora, é complicado falar disso. Eu acho que tem ter cotas para negros e tem que ter cotas para os índios também, para os homossexuais, eu sou a favor das cotas, mas por uma cota unificada, eu sei que a gente sofreu pra caramba pra entrar na faculdade, mas tem que ter cotas para todo mundo, tem que melhorar o ensino no Brasil, educação é tudo, você sem educação, é nada. Eu acho que a gente tem sempre que buscar o melhor para a gente, eu sempre estou buscando.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Agora vamos falar um pouco sobre música. Quais são as principais influências nacionais na sua música?*

GARNIZÉ: Bem, eu sou um cara que cresci escutando muita coisa regional da minha terra, muito coco, muita ciranda, muito maracatu, mas eu tenho algumas pessoas aqui no Brasil, que são importantes para mim. Hoje posso citar o Naná Vasconcellos, adoro o Naná; adoro o Hermeto Paschoal; adoro o Ilê Ayê; os maracatus de Pernambuco, todos eles sem exceção; adoro Ilha de Itamaracá; adoro o Escurinho, que é um cara da Paraíba, bom pra caramba também; adoro o Galego Aboiador, que é um cara que faz aboio. Eu escuto de tudo, porque o cara não pode ser limitado.



Foto: Lu Vilella

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *E as influências estrangeiras?*



Foto: Acervo pessoal: Show Silvia Machete e os Chuchuzinhos

GARNIZÉ: Partindo pra africana, a parte mais cubana, tem... se eu for citar aqui eu vou ficar um dia inteiro. Eu sou fanático por música cubana. Eu tenho mais de 2000 discos cubanos, mas eu posso citar Tata Güines; Giovanni Hidalgo; Papaito; Célia Cruz; Changuito; Miguel “Angá” Diaz; Arsênio Rodriguez; adoro, Papi Oviedo. Dos africanos: Fela Kuti; Segunda Missa; Tony Allen; Salif Keita; Mirian Makeba; Youssou N’Dour; Tarif de Haidouks.

Os (músicos) africanos e cubanos são essenciais na minha vida, além dos afro-brasileiros da Bahia, Pernambuco, Maranhão, adoro tambor de crioula, adoro boi de matraca, aqui no Rio de Janeiro, sou fanático pelo (Escola

de Samba) Salgueiro, amo o Salgueiro, amo o samba, samba de quadra, e sambas de Candeia, Monarco, Noel Rosa, tem muita gente.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Quais foram as principais experiências que você trouxe de outros países?*

GARNIZÉ: Com essa coisa de dar workshops em outros países, o legal é o intercâmbio, a troca recíproca. Eu aprendi muitas coisas em outros países, por exemplo, aprendi a falar outro idioma. Isso pra mim já é grande coisa, eu não morro de fome em outro país. Eu falo um pouco de inglês, um pouco de espanhol, entendo muito bem o francês.

O lugar que mais me trouxe experiência, que me abriu os olhos sobre como lidar com música, como um músico trata a música em seu país, foi Cuba. Fui 4 anos seguidos para Cuba, para o Instituto Superior de Arte, o ISA, e para mim foi o grande intercâmbio de música da minha vida, porque eu interagía com músicos diariamente. Quando eu vi os caras com tão pouco fazendo coisas absurdas, com instrumentos precários, sem partitura, sem baquetas e os caras lá tirando som, com o sorriso mordendo a orelha, eu via isso todo dia e isso para mim era muita felicidade.

Eu tinha ido lá para estudar santeria cubana e abatá cubano, quando eu voltei com este conhecimento e repassei isso para a minha comunidade e outros lugares, eu fiquei muito feliz. Eu montei um grupo lá em Pernambuco chamado *Los Mambizes Santeros* que era um grupo afrocubano. A gente misturava candomblé de Cuba com o candomblé do Brasil, nós fomos o primeiro a fazer isso, lá em Pernambuco e hoje um monte de gente toca santeria cubana, mas o mais importante foi fazer o intercâmbio e poder lidar com as pessoas iguais a mim, pobres, negras, mas que tinham uma vontade de mudança, que queriam aprender, interagir... Foi a grande experiência da minha vida e isso eu vou levar pro resto da minha vida.



Foto: Lu Vilella

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Como tem sido a recepção destes ritmos que valorizam a cultura e a voz negra?*

GARNIZÉ: Eu viajo sempre, vou muito para fora do país, vou muito para a Europa. Eu vejo o quanto a gente é valorizado lá fora. Há um ditado que minha mãe sempre falava: “Santo de casa não faz milagre”. Muitas vezes você tem que fazer sucesso lá fora, pra depois fazer no lugar onde tu mora, e eu chego lá fora, sou supervalorizado.

Eu acho que a receptividade está sendo boa. As pessoas não me olham no sentido pejorativo quando eu estou dando aula, mesmo se falarem em sentido pejorativo, eu tenho embasamento para falar da história, e o que me deixa mais feliz, são os europeus quando vêm fazer aula. Eu não dou aula de música somente, eu dou aula de história, falo sobre as mitologias dos orixás, porque eu tenho que falar. Eu não vou ficar lá só tocando, tocando, tocando... As pessoas têm que saber o que estão tocando, o porquê daquilo, porque os três

tambores do maracatu são parecidos com os três tambores do candomblé; porque o *rum* do *ketu*, o *lá* do *ebá*, o marcante do maracatu são importantes, assim como o ferro no candomblé que é o *gan*, que é o *agogô*, nas escolas de samba, que é o *gonguê* no maracatu. Eles precisam saber

disso!

A minha aula é diferente de todas as outras que eu já vi por aí, sei que tem um monte de gente que dá aula de maracatu, mas a aula: “Isso é um toque pra Iansã”, já foi, “Isso é um toque pra Xangô”, não, eu vou falar do fundamento, não do fundamento propriamente dito, não vou raspar a cuia e passar o fundamento, mas vou falar do orixá Xangô, da importância dele enquanto orixá, enquanto rei de Oió, vou falar sobre Ogum, de Exu, tenho que falar, senão não adianta, senão as pessoas vão achar que Exu é sempre o mauzinho, o cara que tá lá com seus chifres e seu tridente e seu rabo e não é, é o primogênito, é o cara do caminho, que está ali abrindo seus caminhos e eu vejo que as pessoas ficam felizes.



Foto: Lu Vilella

Acho que minhas aulas fluem muito por conta disso. Muita gente quer fazer minhas aulas, porque não é somente uma aula para tocar, é uma aula pra gente discutir, pra gente interagir e dali partir para outros momentos legais. Quando a aula acaba eu estou exausto, mas eu fico feliz porque acho que cumpri meu dever, fica o sentimento do dever cumprido.

Hoje eu estava em estado de êxtase, como eu disse no início da entrevista, porque são meninas tocando, são mulheres tocando, eu fico *felizão*! E eu fico felizão que a Ketlen, a estadunidense, ela apostou na minha aula e eu a tenho como minha pupila mesmo. Minha pupila não, meu pupilo. Ela veio para cá para fazer aula de samba. Então, eu a chamei pra fazer aula de candomblé, aí ela gostou e toca. Ela sabe que uma mulher não pode tocar no candomblé, porque é proibido. É o dever do homem tocar para a mulher dançar, a mulher tem que dançar, interagir, não tem que tocar, mas ela tá ali. Ela se garante pra caramba!



REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Pra você a música também é um instrumento de luta e resistência. Quando você se despertou pra esta questão?*

GARNIZÉ: Eu fui criado numa comunidade maneira pra caramba, não tinha violência até então, só que com essa coisa da modernidade, foram chegando novas drogas, na comunidade. Na época tinha só maconha, cheiravam loló. E aí foram chegando outras coisas, cocaína... hoje crack pra caramba... e eu vi que tava perdendo muitos amigos na comunidade. Eu já tinha 14 ou 15 anos e comecei a me envolver com o movimento negro da minha comunidade. A gente começou a fazer um trabalho na comunidade com os meninos. A gente montou montou uma banda, chamada Africamarás, que era basicamente uma cópia do Olodum e do Ilê Ayê, que a gente era fã pra caramba, e eu continuo sendo fã do Ilê Ayê, por um

questão histórica, uma questão de levantar a bandeira da negritude.

Eu acho que a música consegue passar um pouquinho disso para as pessoas, apagar um pouquinho as mazelas e coisas ruins que acontecem na periferia. Eu queria poder fazer mais, eu queria poder fazer outros "Garnizés", dando pilha para outros "Garnizés" acontecerem. Eu fico feliz quando volto para minha cidade e vejo um monte de guris tocando, foram meus alunos, aprenderam e hoje estão tocando em outras bandas eu fico muito feliz com isso.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Como foi este processo de construção musical?*

GARNIZÉ: Começamos a fazer algumas atividades na comunidade, trazendo outras bandas de fora pra tocar, de Olinda, do Grande Recife, Jaboatão, até que despertou... Tinha um grupo lá, chamado Faces do Subúrbio, uma banda de rap, eu era fanático pra caramba, sempre gostei de rap. Já toquei tudo, forró, samba, baião. E os caras me convidaram pra tocar nessa banda, eu comecei a fazer eventos e chamar os caras para tocar lá em Camaragibe, aí os caras: "Pô, a gente sabe que tu toca bateria, tá a fim de fazer um teste com a gente?" Aí eu fui tocar com os caras, e acabou virando uma grande banda, conhecida nacional e internacionalmente.



Foto: Lu Vilella

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Concorreram ao Grammy Latino, não é mesmo?*

GARNIZÉ: Foi a primeira banda do Brasil a concorrer por um Grammy Latino, latino mesmo, não era esse Grammy que tem aí hoje, na época nós fomos indicados, nós concorremos com uma banda do México, uma da Argentina, o Planet Hemp e outra banda de fora, eram 5 ou 6 bandas.



REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Quais são os principais ritmos que você trabalha em suas aulas?*

GARNIZÉ: Eu dou aula de percussão geral, mas dentro das aulas tem os módulos. Eu dou aula de Maracatu durante três meses, depois dou o Jongo, durante um mês, após o Jongo vou para outro ritmo e assim são muitos ritmos afro-brasileiros, é basicamente o que eu dou para eles. Há também as aulas mais específicas, por exemplo, de Tama, *Talking Drums*, como chamam os americanos, mas o nome é Tama. Tem um nigeriano, um ganês e um senegalês, que tem um instrumento pequenininho, que tem uma cordinha que a gente coloca embaixo do braço, dou de *djembê*, que é um instrumento do Senegal, e por aí vai, vou misturando...



Foto: Lu Vilella

Mas eu sou muito tradicionalista, pode misturar, mas não pode perder a essência da parada, “Vamos colocar um *ilu* nesse maracatu?” Mas, lembrar que a essência do maracatu está no candomblé *ebá*, que o *ilu* é um instrumento importante do maracatu. Eu estou dando aula de maracatu, mas eu tenho que falar do candomblé. Não dá cara, no Brasil não dá para você dar aula de percussão e não falar de religião, principalmente religião afro-brasileira. E, se tratando de candomblé, porque candomblé só existe no Brasil, e é uma palavra francesa, porque em Cuba é santeria cubana, no Haiti é vodu. Eu tenho que falar disso e dou exemplos: falo da relação dos três tambores do samba, o 1ª surdo, o 2º surdo e o surdo de 3ª, faço uma relação com os três tambores do candomblé. Aí pego do maracatu a mesma coisa, tem o agogô, que é um instrumento importante que leva Do Orun, que é a terra, para o Ayê, que é o céu, é o que mantém contato pros orixás.



Foto: Lu Vilella

Eu falo também dos grandes mártires, não tem como eu não falar, tenho que falar de Zumbi, de João Cândido, tenho que falar de tantos outros... da Revolta dos Malês; dos Balaio; dos Agudás que saíram forçadamente do Brasil, porque eram inteligentes e o governo brasileiro tinha medo deles comandarem revoltas, “Manda esses caras de volta!”. Então, eles voltaram para a Nigéria, lá na cidade de Lagos, tem o Portão da Volta.

Mostro vídeos, trago

filmes; já passei o “Mensageiro de dois mundos”, tenho vontade de passar “Egunguns”, que é um filme muito forte, quase ninguém tem esse filme e eu tenho. Eu indico para qualquer pessoa, esse filme conta a história dos egunguns que é uma seita que há dentro do candomblé, para cultuar as pessoas que já se foram, seus antepassados. Dessa forma eu acho que estou fazendo o meu papel como educador, músico e cidadão, e espero que daí também saia um educador, um músico, porque cidadão todo mundo é, eu vou ficar felizão se um dia eu chegar num show e ver uma fulaninha (aluna) ou um fulaninho (aluno) tocando, uma “Ketlen”, uma “Glaucete”, uma “Paulinha”, um “Badá”, um “Felipe”. Indico literatura pra caramba, indico discos, empresto discos.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Em que contexto nasce o documentário “O rap do pequeno príncipe e as almas sebosas”?*



GARNIZÉ: Vamos voltar na década de 30 que tinha Lampião, Antônio Silvino, os caras matavam pra caramba por uma questão ideológica, só que isso virou parâmetro para dentro das comunidades, pra surgirem justiceiros. Os caras não gostavam de quem roubava pai de família e de quem assaltava casas. Na minha comunidade a gente usava um termo para designar estes caras que era “almas sebosas”, então quem rouba pai de família, passe (vale-transporte), telefone, trabalhador, a gente chama de “alma sebosa”, e na minha comunidade tinham muitos matadores, ainda tem até hoje, e nessa época, em 97, 98... tinha um cara chamado Helinho, ele era conhecido como o “Pequeno Príncipe”, o cara era foda, matava sem saber porque. Ele mesmo fala no filme, se tivesse boné, bermudão e tatuagem ele matava. E, e esse cara começou a fazer uma “limpeza” na cidade, matando adolescente pra caramba todo final de semana eram 10, 12 mortos, era absurdo, bicho!

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Aqueles que ele sabia que eram almas sebosas?*

GARNIZÉ: Às vezes nem era, às vezes eram usuários de maconha, de loló, o cara ia e matava. Mas ele matava pra polícia, para policiais, como a polícia não podia matar, ele matava. Era maluco isso! E nessa época o cara foi preso. Ele deu uma declaração a um jornal de Pernambuco, dizendo que era mais fácil matar do que tomar um copo d'água. E isso é uma frase absurda! Um menino de 20 anos de idade na época!

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Você conhecia o Helinho antes do filme?*

GARNIZÉ: A gente não tinha uma relação de amizade, mas sim uma relação de respeito, porque ele sabia o trabalho que eu desenvolvia na comunidade, eu sabia o “trabalho” que ele desenvolvia enquanto “justiceiro”, assim ele se dizia, e eu lembro que... é punk! Eu perdi um monte de conhecidos por conta de um baseado, por conta de estar em um grupinho e de repente: “É maconheiro vai morrer!” E isso é muito comum em Pernambuco, muito comum, acho que em todas as capitais do Nordeste como Maceió, Aracaju, João Pessoa. E eu esperava mudar um pouquinho isso, eu queria muito mudar, eu tentei... Eu mudei alguma coisa ainda, com música mesmo, porque isso é a minha grande arma, são minhas mãos, minha boca, meus instrumentos. A música é filosofia de vida para mim, eu tenho a percussão como... eu não sei se um dia eu parar de tocar, eu não sei o que eu vou fazer mais (emocionado).

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Como as histórias e experiências de Garnizé e Helinho se encontraram?*

GARNIZÉ: Quando me convidaram para fazer o filme eu fiquei feliz pra caramba e ao mesmo tempo triste, porque, pô, falar de violência é complicado, porque eu vivi aquilo ali, eu não queria que o cara tivesse envolvido com... pô o cara matador...

O [diretor de cinema] Paulo Caldas, que fez o [filme] Baile Perfumado junto com Lício Ferreira, juntou-se ao Marcelo Luna, que também é um grande diretor e resolveram fazer um filme a respeito desse personagem, dessa figura horrenda, que dizia ser mais fácil matar do que tomar um copo d'água. Mas eles não queriam só mostrar o lado do Helinho, porque quantos "Helinhos" existem por aí a fora? Ele queria mostrar o outro lado também, só que ficou naquela, quem vai ser o contraponto da história? Não que o filme seja uma história maniqueísta, não que eu seja maniqueísta, que o Helinho é o mauzinho e eu seja o bonzinho, porque todo mundo tem sua parcela de mal também, então me entrevistaram e viram que eu tinha o perfil e me convidaram para fazer o filme.



REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Uma produção que tem o olhar da periferia como centro da narrativa. Como foi esta produção?*

GARNIZÉ: Passamos quase dois anos filmando, de 1998 a 2000 até ser lançado. Foi um filme que mostrou a periferia de dentro para fora, até então nenhum cineasta brasileiro tinha mostrado a periferia de dentro para fora, só mostravam a pobreza, só que a periferia é muito rica. Eu vou tirar o Rio como exemplo porque hoje eu tô morando no Rio. Eu nunca tenho o centro da cidade como



o centro, o centro para mim, vai ser sempre o que está ao redor e o que está ao redor são as periferias, são as comunidades, eu, por exemplo, moro ali na Lapa, para mim aquilo ali não é centro, centro pra mim é Falete, Fogueteiro, Coroa (morros do centro do Rio), porque toda cultura marginalizada que corre para o centro sai dali. Então pra mim o centro de tudo é aquilo ali, é a ebulição de todo poder cultural que o Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil tem, é ao redor e não no centro, e isso (o filme) virou meio que um *boom*, eu comecei a viajar pelo mundo inteiro com o filme.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Qual foi a repercussão do documentário dentro e fora da sua comunidade?*

GARNIZÉ: A gente ganhou prêmio pra caramba, abriu portas para mim pra caramba, até então eu era um simples anônimo na minha comunidade e acabei virando uma figurinha carimbada e levando a gurizada para outros caminhos, sabe? Comecei a virar um exemplo. E isso hoje, eu fico

“felizão” pra caramba. Eu chego na minha cidade é autógrafo, até em Recife, aqui no Rio várias vezes “Pô, te conheço, você é o cara do filme feito agora mesmo”, “Eu tava lá na sua cidade, vi você ser homenageado, receber uma placa”. Eu sempre disse que se um dia eu fosse homenageado, eu queria ser homenageado em vida, porque ser homenageado depois de morto, não tem tesão, então foi gratificante pra caramba.

REVISTA AFRICA E AFRICANIDADES: *Qual a importância da repercussão deste documentário, “O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas”, para a reflexão de novas políticas públicas voltadas para a juventude?*

GARNIZÉ: Primeiro vamos falar de políticas públicas. O legal hoje é você oportunizar os jovens que moram nas periferias, seja com quadra poliesportiva, seja com grêmio. Eu acho que você tem que oportunizar, a gente que começar a ocupar mesmo os espaços ociosos que existem nas comunidades; nas periferias; nas grandes cidades. A gente tem que começar a fazer a diferença mesmo. Nós temos que lembrar que nós somos a maioria. A população negra e pobre do país é maioria. Nós temos que tomar o rumo, ocupar espaços mesmo. Eu falo de rádios comunitárias, dentro das escolas, dentro das faculdades e universidades.



REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Quem são as almas sebosas dentro e fora das periferias?*

GARNIZÉ: Quem são as almas sebosas de hoje? A gente tem um monte de almas sebosas. Eu não gosto muito de falar disso porque é complicado, mas tem alguns políticos.

Eu ainda sonho com um país onde todos vivam. Infelizmente, a gente apenas sobrevive, mas eu quero viver do meu país. Eu sonho com um país onde todos vivam e não apenas sobrevivam!

A gente vive em um país com pouco mais de 500 anos de história, 500 anos de opressão, a gente veio respirar um pouquinho só agora. Faz quase 8 anos que a gente está respirando bem, a gente começou a olhar para a gente e dizer: “Eu existo!” Hoje a gente tem um governo que tem a cara da gente. Pela primeira vez na história, eu tenho um governo que tem a minha cara. Eu acho que o Lula é a minha cara, é a sua cara, por ter sido pobre, por ter vindo do Nordeste, e o país deu alavancada enorme agora. Eu ainda acredito na esquerda e na direita do país. Mas tem uns “sarneys” da vida, tem uns “carlos aleluias” da vida, “césares maias” da vida, são tantos outros que se a gente for começar a dar nome aos bois... Os caras vivem disso, de miséria, eles nunca vão querer acabar com a violência no país; com o tráfico de drogas no país, porque dá ibope; dá voto, e por trás do traficante que tá lá na favela; do menininho que tá com fuzil; do dono da boca; do gerente, tem um cara grandão por trás disso tudo, que nunca vai ser descoberto!

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Qual é a sua opinião sobre a legalização das drogas no Brasil?*

GARNIZÉ: Nós temos que tratar a questão das drogas como políticas públicas de saúde. A questão da redução de danos, trabalhar mesmo! Eu lembro quando nós começamos a trabalhar na minha cidade com redução de danos da maconha, álcool e cocaína. Imagina só: Eu saía para distribuir garrote, seringa e água destilada, e eu fui tido como um louco. Agora, imagina um cara usando uma agulha que já passou por cinco e um dos cinco tendo HIV, hepatite C ou A, para contaminar o restante. Eu falava para o cara que usava maconha: "Pô! Ao invés de você fumar dez baseados num dia fuma cinco". Isso é reduzir danos. Como reduzir danos com álcool também? Vão sair três pessoas para beber, porque um não pode ficar a noite inteira sem beber e voltar dirigindo? Porque os três beberem e um voltar dirigindo e de repente bater o carro? Se um não bebe, a gente tá reduzindo danos. A gente tem que tratar isso como políticas públicas de saúde. Tem países como Suíça e Holanda que tem um planejamento maravilhoso com drogas, sejam elas pesadas ou não, mas são drogas. Ao invés de caçar traficantes, porque não legalizam logo isso aqui? Mas antes vamos descriminalizar. Porque pode-se vender álcool na favela, mas não pode vender maconha na favela? É duro eu estar dizendo isso? É, mas essa é a realidade em que a gente vive!

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Que outras questões precisam ser discutidas no Brasil?*

GARNIZÉ: A questão da redução da idade penal. Isso é um absurdo! As pessoas ficam defendendo a pena de morte, que a gente tem que matar, assim a gente não vai resolver isso não! A gente não vai resolver assim... A gente tem que começar a buscar novos rumos, oportunizar o cara que tá dentro do presídio. Vamos trabalhar fazer bola, vamos botar pra fazer estrada, mas não, os caras ficam ociosos lá dentro, comendo, bebendo e dormindo. Tem uma história hilária, que eu soube de um cara em Pernambuco que ia ao presídio para comprar droga! As pessoas são revistadas para entrar, mas não são para sair, isso é um absurdo! Isso acontece em vários presídios do país.

E a polícia no Brasil... tem horas que eu dou risadas... O lema da polícia aqui do Rio de Janeiro é: "Com você o tempo todo", isso é uma piada, cara! Com você o tempo todo matando, extorquindo, estuprando, assassinando, o que não é diferente... a polícia no Brasil quando foi criada, foi criada para caçar o negro, e isso só veio mudar com a Constituição de [19]88, mas não mudou não. Continua a mesma coisa: policial negro, batendo em negro, policial preto, extorquindo preto pobre. Pô! Isso é ridículo cara! Já vi muito isso aqui no Rio de Janeiro e não é diferente de Recife não. Tem uma letra de uma música do Pedro Luís e a Parede que diz o seguinte: "De Porto Alegre ao Acre, a pobreza só muda o sotaque...". Não é só a pobreza não, a violência também é só o sotaque, a cor da farda é a mesma, as atitudes são as mesmas, muda só o sotaque. É absurdo!

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: Para finalizar, quais são seus planos para o futuro?

GARNIZÉ: Primeiro, eu vou dizer que o futuro é agora. Eu tenho um sonho na minha vida, que é fazer o meu cd. Eu já toquei com um monte de gente, já fiz coisas para tantas pessoas, mas eu quero fazer o meu disco, eu não quero vender, eu quero registrar, historiografar, para depois distribuir um trabalho meu, não será autoral, eu quero gravar músicas de Candomblé mas com minha linguagem, quero distribuir para as pessoas conhecerem "Vejam que músicas lindas!, vejam o que isso quer dizer!"

Eu estou numa pesquisa há muito tempo e comecei escrever com a Ketlen, um trabalho sobre as batidas de Candomblé do povo Ebá lá de Pernambuco, em partituras, e de Ketu também, a idéia é fazer um livro com estas partituras, para popularizar ou para dar melhor acesso a população, sejam amantes da música ou não, isso que é a base da música brasileira, que é o Candomblé, tudo surgiu daí, eu posso estar sendo radical, mas tudo partiu daí.

Eu desejo futuro melhor e um mundo melhor para os meus filhos, bom para toda a população brasileira, seja ela, branca, preta, pobre, índia, amarela, mestiça, afro-brasileira ou não, dias melhores pra gente, a gente tem um país rico pra caramba, seja economicamente, culturalmente, eu acho que gente tem o país mais rico do mundo, e agente tem que colocar isso na cabeça, nós somos muito ricos, só que a riqueza está nas mãos de poucos, há muitos sem porra nenhuma e poucos com muito! Isso tudo é muito contraditório! Que país é esse? Que tem gente dando 600 reais numa calça e tem gente morrendo de fome, temos um vasto litoral e a gente não come peixe, o estado que mais come peixe no Brasil é o Paraná, e tem um litoral pequenininho, isso sem contar nossos rios que são verdadeiros mares, eu trabalhei em um lixão, tirando crianças de lá, eu já vi criança brigando com um urubu!

É triste, mas eu acredito demais no nosso país e que ainda há pessoas boas ainda que vão mudar essa história e eu sou uma delas, você é uma delas e tem muitas outras por aí, é você com a sua revista e eu com minha música, é o Lula lá assinando os papéis, botando os pontos nos is, são as instituições importantes do nosso país como o AfroReggae, o Olodum, o Ilê Ayê, e tantos outros grupos como um lá de Peixinhos (Olinda), que é o Majê Molê, que faz um trabalho importantíssimo lá em Peixinhos, é o pessoal lá da minha cidade, o Cambada da Laia, os Griots, e sonhar e ter esperança. Eu sou um utópico socialista eu sonho muito com muitas coisas.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: Como é sair da periferia e Pernambuco e ganhar o mundo?

GARNIZÉ: Eu lembro que quando eu resolvi ir para Cuba, estudar no ISA – Instituto Superior de Arte, eu resolvi que iria, porque é uma coisa que eu tinha na cabeça, era meu sonho conhecer e interagir com o povo cubano. Eu já rodei o mundo inteiro, a Europa de cabo a rabo. Viajo pra caramba, dando workshops; tocando com o Wyza Bacongo, músico angolano com quem toco atualmente; fazendo palestras sobre cultura, violência. Às vezes é chato porque você tem que falar das mazelas que existem em nosso país. Eu sempre falo que eu sou um sobrevivente, eu contrariei as estatísticas. Quantas pessoas chegaram à idade que eu tenho hoje vivendo em periferias barra pesada?

Tem uma frase... pô esse outdoor eu não esqueço nunca mais. A primeira vez que eu cheguei em Havana, no Aeroporto José Martins que eu vi o outdoor que dizia o seguinte: “Hoje milhões de crianças dormirão na rua, nenhuma é cubana”. Porra cara, isso é foda! Tem horas que eu fico pensando assim: “Quando é que a gente vai chegar a isso?”, Ver criança traficando, segurando em arma, isso me choca, pra mim é chocante pra caramba.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: Como é quebrar a rigidez das estatísticas em diversos aspectos?

GARNIZÉ: É difícil morar no Rio, há sete anos que estou morando no Rio, mas é complicado, eu ainda sou tido como “paraíba”, amo a Paraíba, mas eu sou pernambucano, o nordestino é muito discriminado aqui ainda.

Já até tive vontade de parar de tocar, porque o Rio proporciona isso. Aqui é a história do caranguejo, já ouviu a história do caranguejo pernambucano? É a mesma história do caranguejo

carioca e baiano: o cara pegou um e de um balaio de caranguejo e foi para São Paulo vender o aí o cara na frente do hotel em frente do MASP: “Olha o caranguejo pernambucano! Olha o caranguejo pernambucano!” Caranguejo é caranguejo em qualquer lugar. Aí todo mundo: “Poxa paulista, caranguejo pernambucano? Mas porque caranguejo pernambucano?” “Porque enquanto um sobe dois derrubam”, é a mesma coisa aqui, mas graças a Olorum, eu conseguir furar bloqueios, tô dando aulas, fazendo minhas gravações, de vez em quando você leva um baque, uma rasteira, mas eu estou de pé, sou forte, sou brasileiro e não vou desistir nunca. Eu não estou aqui por acaso, cada um tem um propósito neste plano terrestre, eu estou fazendo o meu enquanto cidadão, que é o de repassar meus conhecimentos. Eu queria ter mais tempo de fazer trabalho voluntário nas comunidades. Eu lembro que eu comecei a trabalhar no DEGASE (Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas) João Luis Alves, vou chamar de presídio, porque aquilo é um presídio, presídio para adolescentes de 14 a 16 anos e sete meses, e também trabalhei no Santos Dumont, com meninas. Eu aprendi muito, repassei meus conhecimentos porque a música proporciona isso a você, essa troca de saber diário, tu dá mas também recebe.

Mas eu quero que as pessoas me conheçam de outra forma, não só por ser o músico “esplendoroso”, que eles acham que eu sou, mas sim por ser um combatente, uma pessoa combativa que no dia-a-dia passa conhecimentos para as pessoas, para os adolescentes nas comunidades. Não ser conhecido só como músico, mas como agitador, o cara que quer revolucionar.

Por André Luiz S. Silva

E-mail: andre.luiz@fricaeaficanidades.com

*Entrevista feita no Bairro das Laranjeiras
Zona sul do Rio de Janeiro, 07/07/2009*

Agradecimentos:

Dayse Bersot Mendia

Contatos e agendamento da entrevista

Lu Vilella

*Fotografias feitas durante a entrevista,
gentilmente cedidas à Revista África e Africanidades
lu.villela@gmail.com*

Alexandre Garnizé

*Que com muita simpatia, humildade, carinho, nos proporcionou
mais de 1 hora e 20 minutos de um ótimo bate papo!*

*Pedimos desculpa, ao entrevistado, aos leitores e a todos que colaboraram, de alguma forma, para a concretização desta entrevista, pela não disponibilização desta entrevista na data prevista por motivos diversos, alheios a nossa vontade.

Atenciosamente,
André Luiz S. Silva